

**MA
CHA** **ANDREA DE BARROS**
DO DE
ASSIS
NA
RÚSSIA

**UM PERCURSO SOBRE A RECEPÇÃO CRÍTICA
DA OBRA MACHADIANA EM SOLO RUSSO,
ENTRE 1960 E 2010**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Prólogo

Desde que comecei a dar aulas na universidade, percebo que o tema de minha pesquisa de doutorado costuma atrair a curiosidade dos alunos. Até os que atuam em áreas diferentes, como os estudantes de Propaganda e Marketing, ou mesmo aqueles que, apesar de serem de Letras e, obviamente, se interessarem por literatura, se identificam mais com os componentes linguísticos do curso do que com os literários, em todos eles percebo um certo espanto, acompanhado de uma vontade de conversar mais a respeito.

Minha vontade de continuar e aprofundar essa conversa é o que motiva a elaboração deste livro, cujo conteúdo inclui trechos revisados e atualizados da tese e traduções, do russo para o português, de todos os textos críticos sobre Machado de Assis publicados entre 1959 e 2010, na Rússia, conteúdo que espero ser útil aos colegas pesquisadores da recepção crítica internacional da literatura brasileira e a todos os interessados em estudos literários em geral.

Introdução

Um dos raros escritores do século XIX a conhecer a consagração em vida, em seu país, Machado de Assis parece ter sido completamente ignorado, além das fronteiras pátrias, até a segunda metade do século XX. Antonio Candido, no ensaio *Esquema de Machado de Assis* (2004), descreve bem o paradoxo da recepção à literatura machadiana em sua época: “À glória nacional quase hipertrofiada, correspondeu uma desalentadora obscuridade internacional. (2004, p. 17)”

Candido atribui essa obscuridade a dois fatores principais: o primeiro, extrínseco à estrutura da obra, a incontestável influência do poder político no processo de difusão internacional da literatura, por meio da qual os países líderes no campo econômico também ditam as regras sobre a produção cultural; o segundo fator, determinante na gênese do texto e nele inscrito, a língua, com suas implicações intrínsecas e extrínsecas:

Das línguas do Ocidente, a nossa é a menos conhecida, e se os países onde é falada pouco representam hoje, em 1900 representavam muito menos no jogo político. Por isso ficaram marginais dois romancistas que nela escreveram e que

são iguais aos maiores que então escreviam: Eça de Queirós, bem ajustado ao espírito do Naturalismo; Machado de Assis, enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias que todos podiam ler. (2004, p. 17)

Obviamente, as barreiras impostas pela língua de origem e pela carência de poder do Brasil no cenário político-econômico mundial da época, ergueram-se não somente no percurso internacional da literatura machadiana, mas da brasileira, de modo geral: O renome internacional de Machado de Assis, hoje em alta, até meados do século 20 era quase nenhum. Para não fabricar um falso problema, é bom dizer que o mesmo valia para a literatura brasileira no seu todo, prejudicada pela barreira do idioma. Talvez a única exceção fossem os romances de Jorge Amado, que se beneficiavam da máquina de propaganda e de traduções do Realismo Socialista, atrelada à política externa da finada União Soviética. Sem ilusões, comentando uma tentativa oficial de divulgar os escritores brasileiros na França, Mário de Andrade observava que a nossa arte seria mais apreciada no mundo se a moeda nacional fosse forte e tivéssemos aviões de bombardeio. (Schwarz, 2010, p. 151)

No entanto, no caso machadiano, somaram-se outros obstáculos à recepção internacional da obra. Pierre Rivas (1995) aponta algumas características próprias do imaginário dos intelectuais e leitores franceses do início do século XX, quando surgiram as primeiras traduções de Machado em francês, em relação a um Brasil exótico, que não correspondia ao foco das narrativas machadianas:

Em 3 de abril de 1909, no anfiteatro Richelieu, da Sorbonne, (...) faz-se uma homenagem a Machado de Assis em sessão presidida por Anatole France (...) um aspecto parece-nos interessante e é a ênfase dada ao fato de que ele “era um latino”. Por aí explicar-se-iam todos os seus traços: ironia, equilíbrio, harmonia. “Ele absteve-se voluntariamente de qualquer fantasia descritiva, de qualquer quadro da natureza; mas resgata a secura do cenário pela abundância da documentação psicológica, pela riqueza dos toques sugestivos.” Essas observações revelam tanto a imagem do Brasil como a imagem de Machado na França. Para todo um setor da inteligência francesa, o Brasil reduz-se à latinidade e seu maior escritor aparece aqui como uma espécie de Anatole France ou Renan. (...) Para Lebesgue, como para vários lusófilos da época, acontece com Machado o mesmo que com Eça de Queirós: eram muito franceses, ou pouco exóticos. E é o gênio latino que Anatole France devia saudar nessa “festa da intelectualidade brasileira”: não creio, declara ele, que seja demais estender o sentido desta festa literária, se nela vir a celebração do gênio latino nos dois mundos”. Gênio de Roma, o mesmo do pensamento humano que “resplandece no mundo”. Nem uma única vez valoriza-se a obra do grande colega brasileiro. Anatole France, nessa ocasião, exalta o gênio latino, os povos latinos: “latinos dos dois mundos, tenhamos orgulho de nossa herança comum. Mas saibamos reparti-la com todo o universo; saibamos que a beleza antiga, a eterna Helena, mais augusta, mais casta de rapto em rapto, tem como destino entregar-se aos sequestradores estrangeiros e gerar em todas as raças, sob todos os climas, novos Euforiões, cada vez mais sábios e belos.” (...) O gênio de Machado de Assis era, em suma, confiscado pela ideologia latina da França, naquele momento. Talvez tenha sido a razão pela qual não encontrou eco (...). Na verdade, que interesse poderia ter para o público francês uma espécie de discípulo

afastado de Renan ou de Anatole France, discípulo que não possuía nem mesmo o privilégio de escrever uma obra “exótica”. Como no caso de Eça, a França deveria fechar-se àquele que era demasiadamente “francês”. (1995, pp 148-150)

Como um escritor “demasiadamente francês” para os franceses, ou seja, que não se restringia a retratar a exuberância natural dos trópicos, da forma como os leitores franceses do início do século XX esperavam e, conseqüentemente, os leitores no mundo todo, que aguardavam o prévio aval da França para dar atenção a determinado autor, Machado não encontrava o horizonte de expectativa favorável à recepção de sua obra fora do Brasil.

Esse quadro parece ter se alterado de forma significativa no início da segunda metade do século XX. Segundo Ubiratan Machado (2005), a fase compreendida entre 1959 – não coincidentemente, ano em que eclode a revolução cubana – e 2003, (...) foi também a da definitiva internacionalização da obra machadiana.

Das 220 edições que recenseamos de romances, volumes de contos e peças de teatro traduzidas e editadas em 32 países e em 23 línguas (sem incluirmos os trabalhos publicados em antologias, jornais e revistas, que elevaria este número para 37 países e 25 línguas), 155 são dos anos de 1960 e décadas posteriores.

Até o final dos anos de 1950, apesar das 51 edições no exterior, Machado ainda era um autor prisioneiro da língua portuguesa. A análise elogiosa, e até sagaz, de um ou outro crítico estrangeiro, não chegou a formar aquela cadeia de quase unanimidade que é o mais sólido suporte da consagração.

A descoberta (termo que empregamos apenas como divisor de águas, já que não houve eclosão, mas um processo gradual de maturação) de Machado a partir dos anos de 1960, sobretudo pela crítica e pelos scholars norte-americanos – caixa de ressonância universal -, aliciou o interesse de estudiosos de todo o mundo e o conseqüente incremento das obras machadianas.

Entretanto, estudiosos e críticos que puderam conhecer a obra machadiana, fora do Brasil, demonstram perplexidade diante de sua relativa obscuridade no cenário literário internacional, ainda nos dias atuais. Susan Sontag, em *Vidas póstumas: o caso de Machado de Assis* (2005), cita a questão da língua, como Antonio Candido, e vai além, atribuindo o problema ao eurocentrismo das apreciações literárias, em escala mundial, e, no território latino-americano, à visão preconceituosa que os países vizinhos têm do Brasil:

Mais notável do que sua ausência no palco da literatura mundial é ter sido ele muito pouco conhecido e lido no resto da América Latina – como se ainda fosse difícil digerir o fato de que o maior romancista produzido pela América Latina tenha escrito em português e não em espanhol. O Brasil pode ser o maior país do continente (e o Rio, a sua maior cidade no século XIX), mas sempre foi um país posto à margem – visto, pelo resto da América do Sul, a América do Sul hispanófono, com uma boa dose de desdém e não raro em termos racistas. (Sontag, 2005, pp 58-59)

O “relativo descaso” com Machado de Assis, apontado por Sontag, torna-se ainda mais evidente quando comparamos a situação atual da recepção internacional da obra

machadiana à de seus contemporâneos, escritores provenientes de países que, no cenário literário mundial do século XIX, eram tão marginais quanto o Brasil. Dostoiévski, por exemplo, tem grande parte de sua obra lançada no Brasil¹, traduzida diretamente do russo para o português, com grande sucesso editorial. Apesar da Rússia não ter iniciado “o processo de acúmulo de seus bens literários antes do início do século XIX” (Casanova, 2002, p. 80), e da difusão da sua literatura ter enfrentado os obstáculos de sua língua “menor”, semelhantes aos encontrados pelos escritores de língua portuguesa, Dostoiévski, assim como Tolstói, Turguêniev e outros grandes autores russos do século XIX, são considerados clássicos na literatura mundial, atraindo o interesse crescente de estudiosos, críticos e leitores, no Brasil e em todo o Ocidente.

Já Machado de Assis, na Rússia, ainda permanece bem menos conhecido que os autores russos no Brasil, assim como em outros países das Américas e da Europa, apesar de alguns esforços isolados de divulgação de sua obra em terras dostoiévskianas².

1. De 2000 para cá, foram lançados, somente pela Editora 34, os títulos Memórias do subsolo; Crime e castigo; Um jogador; O idiota; Bobók; O eterno marido; Os demônios; Niétotchka Niezvanôvna; O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão; A senhoria; Noites brancas; Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho de um homem ridículo; Os irmãos Karamázov; Gente Pobre; O duplo.

2. Em fevereiro de 2007, por exemplo, foi lançada uma coletânea de contos de Machado de Assis, em edição bilingue em russo-português, pelo Centro Lusófono Camões e pela Editora da Universidade Pedagógica Estatal de Hertzen, em São Petersburgo, com o apoio da Embaixada do Brasil em Moscou.

Considerando que a efetiva entrada da literatura russa no Brasil se dá já no final do século XIX³ (em traduções do francês para o português), mesmo período em que ela atravessa as fronteiras da Europa Ocidental e ganha o aval da crítica francesa, constata-se um intervalo de cerca de 60 anos entre a recepção de Dostoiévski no Brasil e a de Machado na Rússia.

Essa defasagem entre a recepção internacional da obra machadiana e a da dostoiévskiana ocorre não somente na Rússia, mas também, em menor grau, no próprio continente americano. Comparando a recepção da obra de Machado à de Dostoiévski, no mercado literário americano, a Professora Dra. Daphne Patai, do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Massachussets – EUA, relata a discrepância entre a baixa oferta de obras do autor brasileiro nas livrarias e a facilidade de acesso às do autor russo:

É interessante assinalar que, apesar do reconhecimento que alguns acadêmicos, alguns escritores, tenham feito da importância de Machado como escritor, normalmente, ainda hoje em dia, acho que ele realmente passa quase despercebido pelo público americano. Isso verifiquei visitando várias livrarias nos Estados Unidos, procurando traduções da obra de Machado, e comparando o aparecimento, ou a falta de aparecimento e de disponibilidade daquelas traduções em livrarias, em contraste com outros autores estrangeiros.

3. Segundo Bruno Barretto Gomide (p. 6, 2004), “a partir de fins da década de 1880, as obras dos escritores russos começaram a ser discutidas no Brasil. Isso ocorreu na esteira da onda de difusão internacional do romance russo deflagrada em França, especialmente pelo ensaio-manifesto *Le Roman Russe* (1886) de Eugène-Melquior de Vogüé e por um grande número de traduções.”



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em maio de 2023.
